Anne Blind

Entre Luz & Trevas

Anne Blind

Entre Luz & Trevas

Livro 1

Alexander Zimmer

1ª.Edição

2019

Copyright © Alexander Zimmer, 2011
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.1998

Texto revisado segundo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009

Z66m

Zimmer, Alexander
Anne Blind entre luz e trevas / Alexander Zimmer – 1ed. – Rio de Janeiro, RJ

ISBN 9781520562469

1. Romance brasileiro. I. Título

Todos os direitos reservados à
Alexander Zimmer
www.alexanderzimmer.com
É vetada a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito do autor.

Ao Universo infindável de surpresas, cuja presença tem se feito constante em minha vida de forma luminosa.

Aos amigos sutis, sempre presentes a apresentar lâminas insuspeitadas de realidade até então.

À Luciana Fiori, que me ajuda a manter os pés no chão e alimenta minha necessidade de manter *a cabeça nas estrelas.*

PRÓLOGO

O dia havia amanhecido ensolarado e o céu profundamente azul, mas já no início da manhã, nuvens surgiram de todos os lados, aglutinando-se em grandes massas de cúmulos nimbos. Uma tempestade parecia avizinhar-se rapidamente para vir lavar o que restara.

O verde rasteiro e escasso insistia em lutar contra a falta de sol, tentando impor sua cor sobre a claridade cada vez mais escassa. As poucas árvores até então paradas, começavam a sacolejar suas folhas aos primeiros ventos, prenúncio do desabar do céu, que logo se daria.

Alguns poucos estavam presentes à cerimônia, entre elas Djwal Khul mostrava um semblante indecifrável e firme. O monge iniciou uma prece numa língua antiga e quase desconhecida. Jota imbuía-se de respeito, questionando-se de tudo que vira e participara até aquele momento, enquanto as palavras piedosas e cheias de espiritualidade saíam de um coração sincero; um coração de alguém que não parecia deste mundo, pelo menos não deste mundo cheio de interesses e egoísmos. Naquele momento, sua voz saía como a voz que vinha do alto, da imensidão cósmica indecifrável e todos perceberam a inspiração que não podia vir apenas de um simples homem. Jota observou Djwal Khul, mas não queria pensar em Shambala. Estava triste.

A chuva começou a cair. Triste fim, onde nem a natureza parecia querer continuar com a vida e o temporal só acentuava este sentimento de fim de tudo. Parecia a forma mais adequada de todos dizerem em silêncio: - Adeus, Anne. Descanse em paz. Pelo menos, assim pensava o inconsolável Jota.

13 anos antes

23h47min - Algum lugar na Cordilheira do Andes

Noite escura e nebulosa. A lua está parcialmente encoberta por uma massa de nuvens, que ora abre brechas por onde a luminosidade rapidamente se estende sobre as florestas, ora impede a visão ao redor da estrada solitária, que atravessa o pequeno vale e sinuosamente se esgueira pelas montanhas do outro lado, subindo e desaparecendo.

Um carro solitário corre em disparada. Seus ocupantes não se preocupam muito com o perigo que lhes oferece a pista sinuosa e malcuidada. Uma mulher, com semblante desesperado, segura uma menininha que dorme em seu colo; é apenas uma criança de pouco mais de três anos de idade. No volante, igualmente atormentado, um homem com pequeno corte na testa, tem as mãos praticamente coladas ao volante e, apesar da dificuldade da estrada, demonstra habilidade e férrea concentração na direção do veículo.

À medida que o carro atravessa a estrada rapidamente, uma bruma misteriosa que parece segui-lo, cobre toda a região, como a tentar alcançar o veículo em fuga furiosa. O clima nervoso dentro do veículo parece deixar toda região sob tensão. Não há barulhos noturnos, não há vida aparente; apenas o barulho do motor roncando através da noite e seus faróis rasgando o negrume à medida que avança, como se este fosse um tecido frágil. Por trás da espessa bruma que segue o veículo, forma-se lentamente uma grande tempestade; manifestações quase sobrenaturais se traduzem em relâmpagos e raios que chicoteiam

ao longe, entre carregadas massas de nuvens a deixar a noite ainda mais negra e sinistra.

Numa curva mais acentuada, pouco antes de iniciar a subida da montanha, o carro derrapa e quase cai numa vala que segue a estrada de ponta a ponta.

O carro começa a subir a montanha e já não é possível manter o ritmo. O mesmo não acontece com a bruma, que começa a se aproximar cada vez mais do carro, alcançando suas lanternas traseiras antes mesmo de o carro chegar à metade da subida. As lanternas perdem a cor, como um filme colorido que se torna gradualmente preto e branco. As lanternas piscam, sua força sugada por uma fome obscura e sobrenatural. A luz que aparece em intervalos derrete-se no ar como tinta sendo absorvida pela famigerada bruma, que logo envolve metade do carro. Este começa a trepidar além do normal; toda sua estrutura luta para manter-se firme, mas mãos invisíveis começam a triturar sua composição molecular, como mandíbulas a devorarem a vida mais ínfima que qualquer objeto possua.

A mulher com a criança entra em pânico e começa a chorar, enquanto aperta com mais força a menina em seus braços, numa tentativa de impedir a todo custo que algo aconteça à ela, que em meio à confusão, desperta, abrindo os olhinhos sonolentos.

– Mamãe, não chore.

Surpreendida pela menina, Lisa aperta-a com mais força nos braços e beija-lhe a testa. Seus lábios mexem-se, balbuciando palavras inidentificáveis.

Jonas estende sua destra e a pousa carinhosamente sobre a cabeça de Anne, sentindo o suave toque de seus cabelos lisos e

negros. Neste instante, num último espasmo de agonia, a estrutura do carro se contorce e os vidros se desfazem como gelatina. A bruma entra violentamente no veículo, buscando apenas um dos passageiros. Anne olha para a massa espessa e grudenta que começa a envolvê-la e, ao tocá-la, um pequeno flash de luz espoca diante de seus olhos, que embranquecem instantaneamente, ao mesmo tempo em que a própria bruma recua rápido, como se a entidade por trás daquela forma fantasmagórica se contorcesse de dor, num grito mudo, estampado no que parece ser um rosto nebuloso e que logo se desfaz.

Uma das rodas traseiras se solta e Jonas perde definitivamente o controle do carro, muito embora não se dê por vencido. Tenta desesperadamente conter a fúria insana do veículo, que se joga de um lado para outro da perigosa estradinha da montanha, porém seus esforços se perdem em tentativa inútil e o veículo atira-se vertiginosamente para fora da estrada, arremessando-se num abismo escuro, em que apenas as lanternas parecem chicotear o ar, varrendo o íngreme e escarpado paredão de rocha, à medida que gira sobre si mesmo, solto no espaço. Num instante o veículo atinge o fundo, atravessando e quebrando galhos de árvores, terminando num baque surdo. Silêncio enfim. No fundo escuro do abismo, apenas uma lanterna que pisca em curto-circuito.

A bruma arremessa-se abismo abaixo, como a querer recolher o que sobrara das pobres vítimas da tragédia. Dentro do veículo, os corpos de Lisa e Jonas que, curiosamente, não sofreram muitas escoriações, jazem inertes. Anne fora cuspida do carro, mas apesar de alguns pequenos arranhões, está bem. Levanta-se e nem bem consegue ver o carro colado ao tronco de

uma enorme árvore, é envolvida, então, por uma sutil névoa luminosa, de onde sobressai um rosto bondoso que lhe sorri carinhosamente, enquanto a transporta pelo ar para dentro de um buraco no tronco de uma árvore, a uns duzentos metros do local do acidente. Anne sente-se acolhida, sente-se bem e rapidamente adormece; efeito da misteriosa névoa, que claramente a quer proteger. Logo, a luminosidade some e Anne desaparece na escuridão do tronco.

De súbito, a bruma obscura e pegajosa alcança o carro. A seu toque ácido, Lisa abre os olhos em desespero. Jonas faz o mesmo, contorcendo-se numa dor lancinante. Aos poucos, seus corpos vão sendo dissolvidos no ar. Um buraco ainda mais negro surge em meio à bruma e acaba por sugar seus corpos cada vez mais etéreos, para dentro de si. Mas a bruma, ou o que quer que esteja no comando daquela nebulosidade sobrenatural, não parece satisfeita, entrando e buscando algo mais, por todos os lados, em cada fresta da massa distorcida do que antes fora um carro e nas árvores ao redor, mas nada encontrando.

A fúria da tempestade ribomba sobre o local, como um grito de ira e insatisfação da própria entidade devoradora que claramente busca a pequena Anne, mas que se vê frustrada no derradeiro momento. Raios atingem algumas árvores, que incendeiam, mas, em seguida, uma chuva torrencial abate-se sobre toda a região e o fogo se extingue, assim como a bruma, que lentamente vai se arrastando de volta pelo caminho por aonde veio e desaparece.

Premonição

Laura acordou sobressaltada e sentou-se na cama, como quem foge de algo terrível e escapa de um mundo tenebroso. Respiração ofegante, expressão de terror, logo se deu conta de que estivera dormindo. Mas a realidade parecia tão viva, que duvidava se, na verdade, não acabara de ter uma visão. Sentiu um calafrio ao pensar nesta possibilidade.

Ficou um tempo olhando pelo vidro da janela, ainda sentada na cama, buscando na noite lá fora, um conforto entre as estrelas. Eram três horas da manhã e nem tentou pregar os olhos novamente, pois sua mente estava frenética e, por mais que buscasse a calma, algo instintivamente lhe dizia que tudo aquilo não fora apenas um sonho e que deveria tomar as devidas providências. Sentia em seu coração a certeza de que sua irmã estava em extremo perigo, talvez até mesmo morta. Buscava ser mais positiva e não alimentar pensamentos ruins, tentando atribuir tudo aquilo a um simples mau sonho. Porém a vida inteira, desde pequena, sempre tivera estes sonhos premonitórios e eles, tenebrosamente, nunca falharam. No início, lutava contra eles e realmente sentia-se acuada por estas visões, mas com o tempo e o estudo, aprendera a usar isso de forma a ajudar as pessoas, por mais que na maioria das vezes fosse tachada de agourenta, macumbeira, bruxa e outras tantas expressões depreciativas que a incomodavam muito, mas que não passavam de preconceito de gente ignorante da realidade que nos cerca e que apenas poucos realmente tem o privilégio de vislumbrar.

Assim como havia pessoas que viam com maus olhos seu dom, outras a olhavam como alguém especial. Com as mudanças constantes de cidades, devido ao pai diplomata, nunca sofreu perseguição ou qualquer tentativa religiosa de adoração ou repúdio, como é costume popular - endeusar pessoas com

dons estranhos, como santos, ou repudiá-las como possessas por supostos espíritos infernais etc.

Seu pai via suas capacidades paranormais com muita naturalidade e nunca pressionou a filha em qualquer direção, deixando-a fazer suas próprias escolhas e concordando, desde o início, que seu irmão a instruísse sobre estes assuntos, pois acreditava que, não podendo evitar tal dom, melhor era que se aprendesse mais sobre ele e assim transformasse o que poderia ser um estorvo, em algo útil e que pudesse servir ao bem comum.

O dia correu, em meio aos afazeres e responsabilidades, enquanto tentava falar com a irmã pelo celular, mas o fato de o aparelho parecer estar constantemente desligado só agravava a sensação de que ela precisava de sua ajuda. O que fazer afinal? O celular não respondia, o hotel em Cuzco informava que a família ainda não voltara. Então, tomou a decisão de ligar para a embaixada brasileira em Lima e buscar informações sobre o que poderia ter ocorrido, sugestão essa dada pelo próprio gerente do hotel. Mas como abordar sua preocupação, sem que, do outro lado da ligação, a pessoa a tomasse por lunática ou até mesmo julgasse como uma brincadeira de mau gosto, além de perda de tempo, desligando o telefone na sua cara? Sem mencionar que precisava agir com sigilo, afinal Lisa e Jonas estavam em situação muito delicada e precisava que seu paradeiro fosse, de certa forma, mantido em segredo. Mas neste momento, talvez tivesse que pôr de lado o segredo, afinal, se tratava de sua clarividência. Pensou em arriscar, dizer que havia urgência em contatá-los por questão de família e, talvez assim, eles empreendessem esforços em localizar Lisa.

Foi neste momento que o telefone tocou e ainda perdida em conjecturas, atendeu sem muita preocupação. Do outro lado,

uma pessoa falava com muita dificuldade, talvez até pela gravidade do assunto, informando-lhe que Lisa e seu marido, Jonas haviam sofrido um terrível acidente nos Andes e estavam desaparecidos. Laura viu-se cair lentamente sobre o sofá, escutando as palavras cheias de tato, que o homem que se identificara como secretário do cônsul brasileiro em Lima, esforçava-se em transmitir, enquanto as imagens da visão que tivera em sonho voltavam a desfilar por sua mente; mais uma vez tinha a comprovação de que seu dom não falhara e a avisara da tragédia, mesmo que já em cima da hora, sem que ela pudesse interferir e tentar mudar os acontecimentos.

Conquanto Lisa e Jonas tivessem desaparecido, o homem do outro lado afirmava que a equipe de buscas encontrara a pequena Anne um dia depois, aconchegada dentro do tronco de uma árvore. Comentava ainda que a menina teve muita sorte, pois sendo cega, a chance de se pôr em perigo de morte era muito grande naquela região acidentada e cheia de animais selvagens.

No entanto, Anne não era cega! - Deu-se conta do que acabara de ouvir.

- Um minuto, senhor. Anne não é cega! Como assim? Não estou entendendo... Estamos falando da mesma criança?

Do outro lado, o homem afirmava categoricamente que a pequena Anne era cega. *Será que era mesmo Anne? Será que eles não tinham encontrado outra menina, em vez de Anne? Ou então... Poderia, enfim, ter sido consequência do acidente?* Porém, o homem insistia que a menina fora examinada por médicos, que atestavam que sua cegueira tinha todas as características de um defeito congênito ou hereditário. Laura

não conseguia entender como era possível. Será que estavam falando da mesma menina?

Decidiu ir a Lima imediatamente, para saber o que estava acontecendo afinal e trazer Anne para casa, no caso de toda esta tragédia ser mesmo real.

Anotou todos os dados e a quem procurar em Lima, foi até o quarto, trocou de roupas, pegou um casaco, seus documentos e saiu porta afora. Pegaria o primeiro avião que estivesse para decolar do aeroporto internacional do Rio de Janeiro naquele dia, para Lima. – Pobre Anne, pensava. Tudo isso soava mais do que estranho e Laura precisava ver tudo de perto, escutar toda história pessoalmente, na tentativa de entender todo aquele emaranhado de informações desconexas, que pareciam não fazer o menor sentido.

Por sua cabeça passavam possibilidades distantes de histórias que seu tio contava em relação ao passado da família e sobre a Fraternidade, mas não quis se prender a estes fragmentos de lembrança, sobre os quais não tinha certeza e se perdiam em situações confusas. Afinal, sempre se sentiu tão distante deste passado, que tinha uma permanente sensação de que tudo não passava de uma história, uma lenda contada há muito tempo em sua família. Porém, as histórias permaneciam rondando-lhe os pensamentos.

De volta

Laura chegou a Lima no fim da tarde.

No aeroporto, Laura estava sendo esperada pelo secretário do cônsul, que a recebeu e a levou para ver Anne, na embaixada. Aos olhos do secretário, ela parecia uma menina muito tranquila, apesar das circunstâncias, pois não demonstrava sentir a falta da mãe. Perguntara por ela uma única vez e depois permaneceu calada.

Laura mal podia esperar para ver a sobrinha, pois apesar das afirmações do secretário do cônsul, Laura tinha tudo na cabeça girando ao mesmo tempo e não conseguia imaginar de que forma Anne lidaria com todos os acontecimentos. Afinal, ela ainda era apenas uma menininha.

Os dois percorreram alguns corredores, atravessando salas, onde diversas pessoas pareciam ocupadas com seus afazeres, até que chegaram diante de uma porta. O secretário bateu duas vezes e girou a maçaneta, abrindo-a. Os olhos de Laura percorreram avidamente o ambiente, procurando por Anne, até que a viu sentada diante de uma TV desligada. Numa poltrona ao lado, vestindo um jeans, camiseta e um paletó por cima, estava uma jovem que parecia estar conversando com Anne, mas que se levantou com a aproximação de Laura.

- Anne!
- Titia?... É você?
- Sim, Anne. É a titia Laura.

Anne estendeu os braços, como quem pede um abraço e foi nesta hora que Laura vislumbrou seus olhos esbranquiçados. A visão foi um tremendo choque para ela, que contorceu os músculos do rosto e viu-se tomada por suas emoções; seu

coração acelerou, sentiu um arrepio na espinha e seus olhos se encheram de lágrimas. Era tudo verdade; Anne estava cega. O que diabos acontecera com a pobrezinha? - pensou. Mas a dimensão da verdade acabara de bater-lhe ainda mais fundo. As "histórias" da família voltaram à sua mente com ainda mais força.

- Oh, Anne! O que aconteceu com você, minha querida?
- Nada, Titia. A luz salvou eu, mas agora tá escuro. Por que não acende a luz?

Laura não sabia o que dizer. Apenas apertou Anne nos braços, enquanto suas lágrimas molhavam o casaquinho da menina. O secretário olhava a cena, profundamente emocionado e fazia enorme esforço, tentando reter uma teimosa lágrima que insistiu em cair-lhe pela face, sendo aparada por um lenço, que ele acabara de tirar às pressas do bolso.

***

Na sala do cônsul, o secretário entregou a Laura todos os documentos e exames realizados em Anne e que atestavam sua saúde perfeita, apesar da cegueira de nascença, de acordo com os médicos, muito embora Laura dissesse não entender como isso era possível, pois Anne não tinha nascido cega.

O secretário não sabia o que dizer, afinal, os próprios médicos afirmaram que a cegueira não fora fruto de nenhum acidente; todos os sinais eram de uma cegueira que sempre estivera ali; uma deficiência natural. O que dizer afinal? O secretário manteve-se então em silêncio.

Laura compreendeu a posição do secretário, muito embora não concordasse com o diagnóstico dos médicos peruanos. Não entendia mesmo como aquilo poderia ser possível. Chegando ao Brasil, levaria Anne aos melhores especialistas, para descobrir o que acontecera com seus olhos. Com sorte e bons especialistas, Anne estaria curada em breve e essa escuridão seria temporária, tentava acreditar Laura, por mais que pressentisse que a situação era muito mais grave do que tentava acreditar.

Laura entrou no aeroporto e atravessou o saguão em direção ao *check-in*. De repente, na pressa, esbarrou em alguém. Parou para pedir desculpas e viu-se frente a frente com uma senhora quíchua, vestida de forma tradicional e pitoresca. Laura não pôde deixar de sentir como se o tempo parasse naquele instante. A senhora olhava em seus olhos e, lentamente, tirou de dentro de uma sacola que trazia pendurada ao lado do corpo, um pequeno objeto feito de penas e amarrados com cordões coloridos. Girou o pequeno objeto no ar, dizendo palavras estranhas, cujo sentido Laura estava longe de compreender. Tinha a sensação de que tudo o que a senhora dizia, fazia algum sentido, apesar de não entender.

Então, num último momento, a senhora voltou-se para Anne, que estava de mãos dadas com Laura, fez silêncio e imprimindo no rosto um meio sorriso, meneou a cabeça lenta e positivamente.

Laura voltou a si e, olhando ao redor, se deu conta de que a senhora desaparecera. Sentiu-se ficar ofegante, como se tivesse prendido a respiração durante muito tempo. Olhou o relógio e viu que tinham se passado apenas alguns minutos. Voltou os olhos para Anne e viu que tudo estava bem, então retomou o caminho até o *check-in*.

***

O avião pousou no aeroporto Tom Jobim às vinte duas horas. Laura sentia-se muito cansada com toda a correria. No táxi, enquanto voltava para casa, tentava encontrar algum fio que ajudasse a entender todos os acontecimentos. Será que Jonas e Lisa estavam mesmo mortos? – Pensava.

Foi em meio a estes pensamentos pesados e desagradavelmente sem sentido, que o táxi chegou à porta da casa onde Laura morava. A velha fachada de arquitetura dos anos cinquenta trazia algum alívio para o coração de Laura. Era como chegar num porto seguro, onde tudo seria mais fácil de lidar e as dificuldades pareciam não ser intransponíveis.

Entrou em casa com Anne no colo e a levou direto para seu quarto, aconchegando-a sobre as cobertas. A noite fria do mês de julho alimentava ainda mais a atmosfera pesada dos acontecimentos recentes.

Laura foi até a cozinha, bebeu um copo d'água e depois voltou para o quarto, onde se despiu e deitou na cama, abraçando o pequeno corpinho de Anne, que se aconchegou ainda mais nos braços da tia. O sono tomava conta de Laura que, nos últimos momentos de consciência, chegou mesmo a pensar ingenuamente que tudo aquilo era parte de um sonho ruim, algo que agora parecia muito distante e que no dia seguinte tudo estaria como sempre foi. Através desta evasão de consciência, Laura deixou-se abraçar pelos sonhos, mergulhando completamente na inconsciência.